

# Hospitais-escolas

**N**o bojo da crise crônica que envolve a saúde pública no Brasil, merece destaque a situação falimentar dos 44 hospitais-escolas do país. Os reitores das universidades federais, ontem reunidos em Brasília, concluíram que o setor vive situação terminal — e precisa de socorro urgente do Estado.

Planejados para funcionar como centros de ensino e pesquisa, os hospitais-escolas desviaram-se de tal forma desse objetivo que, hoje, simplesmente, o perderam de vista. Tornaram-se extensões improvisadas dos hospitais públicos. O excesso da demanda do sistema de saúde, que não é desprezível (muito pelo contrário), é encaminhado aos hospitais-escolas, que nem de longe estão aparelhados para atendê-lo.

O resultado é que nem cumprem a missão para que foram criados, nem resolvem os desafios que lhe são superpostos, em quantidade sempre crescente, bem acima de suas efetivas possibilidades. Em Niterói, Estado do Rio, por exemplo, o Hospital Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense, é a única emergência para um universo de dois milhões de pessoas, já que atende, inclusive, pacientes de municípios vizinhos.

Não é um caso isolado. Há numerosos outros. O Hospital da Universidade Federal do Paraná, um dos principais centros

de emergência de Curitiba, fechou ontem, por falta de condições estruturais de atendimento.

O Sistema Único de Saúde, além de sobrecarregar os hospitais-escolas, onerando-os e impondo pesado desgaste à sua infra-estrutura, paga pouco por esses serviços. Não bastasse, está em débito com numerosos deles. Os débitos são consideráveis e ameaçam a sobrevivência de alguns. É o caso do hospital-escola paranaense, o primeiro a tombar.

O governo federal não está indiferente ao problema. Reconhece-o e incluiu algumas providências corretivas no bojo do amplo projeto de reforma da saúde, a ser examinado em breve pelo Congresso. Quer transformá-los em organizações sociais, entidades de direito privado com liberdade de gestão administrativa.

Os reitores não gostam dessa idéia porque crêem que liquidaria de vez com o objetivo central do hospital-escola, que é o de serem centros de pesquisa e ensino. Há aí um conflito doutrinário: o governo quer descentralizar a gerência da saúde pública, transferindo-a aos municípios, enquanto as universidades federais vêem necessidade de manter a tutela, até ao menos o pleno saneamento financeiro dos hospitais-escolas, já que estados e municípios não têm como investir no setor.